

# Na fila da agonia

HELENA MADER  
DA EQUIPE DO CORREIO

**R**emedios para males corriqueiros e medicamentos caros, para doenças complexas, estão em falta nas prateleiras da Farmácia de Alto Custo do Distrito Federal. Nos últimos dois meses, as dificuldades de quem precisa de tratamento só aumentam. Pacientes esperam até cinco horas para conseguir as cápsulas ou injeções que amenizam seu sofrimento. Remédios para asma, osteoporose, diabetes e até para controlar o colesterol sumiram das prateleiras. O Ministério Público do Distrito Federal acompanha o problema da falta de medicamentos e cobra mais autonomia para a Secretaria de Saúde.

Os pacientes recém-transplantados sofreram durante quase um mês e enfrentaram o medo da rejeição ao novo órgão. É o caso do funcionário público Elson Vasco, 43, que há dois anos fez um transplante de rim. Depois da cirurgia, ele abandonou as dolorosas e longas sessões de hemodiálise. Mas o medo de perder novamente as funções renais ainda assombra. O remédio que Elson precisa ingerir diariamente para evitar a rejeição do órgão ficou em falta na Farmácia de Alto Custo durante quase todo mês de dezembro. E o funcionário público ficou 10 dias sem tomar as cápsulas de Tacrolimus, um eficiente imunossupressor que custa cerca de R\$ 800.

Na última quarta-feira, o Correio acompanhou as dificuldades de Elson para tentar conseguir as cápsulas. Ele e a esposa amarraram a cadeira de rodas na moto para chegar até o Hospital de Base. A viagem trabalhosa foi em vão. Funcionários informaram que o remédio estava em falta. "Não consigo nem ligar para a farmácia. Então resolvi vir até aqui, mas perdi meu tempo", reclamou. Ontem, o funcionário fez o mesmo trajeto. Dessa vez, teve mais sorte. O Tacrolimus já estava disponível. "Essa é a terceira vez que o remédio fica em falta este ano. Tenho medo de que isso se repita mais vezes", reclama.

Assim como Elson, outros transplantados ficaram assustados com o risco de ocorrer rejeição. Cerca de 50 pacientes, principalmente doentes renais, tomam o Tacrolimus no Distrito Federal. A autônoma Dayse Luci Terraço Alves, 48, também fez várias viagens ao Hospital de Base e só conseguiu o remédio ontem. Ela se submeteu a um transplante de rim há três anos e desde então precisa tomar o medicamento para eliminar qualquer risco de rejeição. "Fiz hemodiálise durante quase seis anos até conseguir um rim novo. Não quero nem pensar em voltar à máquina depois de tanto sacrifício. Não podemos ficar todo esse tempo sem o remédio", explica Dayse. Ela ficou quatro dias sem o Tacrolimus

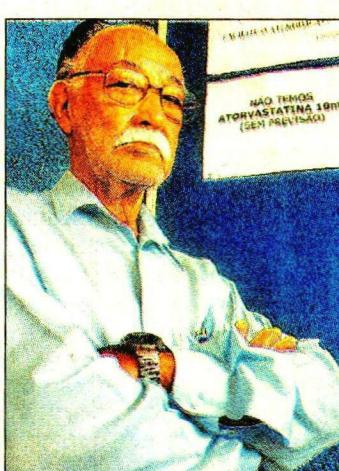
e chegou a sentir até alguns efeitos sobre o seu corpo.

O Tacrolimus é um medicamento imunossupressor que faz com que o organismo não rejeite os órgãos implantados. O nefrologista Rafael de Aguiar Barbosa, da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, lembra que o paciente transplantado precisa tomar o remédio pelo resto da vida. "Esse medicamento é usado depois do transplante de qualquer órgão sólido. Se o paciente não tomar o Tacrolimus pode ter um quadro de rejeição aguda e até complicações mais sérias", explica o especialista.

## Outras doenças

Na entrada da farmácia do Hospital de Base, um cartaz avisa que não há previsão da chegada da Artovastatina de 10 miligramas, usada no controle do colesterol. O aposentado Arnaldo Carneiro dos Santos, 80, perdeu a viagem em busca do medicamento. Ele saiu cedo de Taguatinga Norte, mas se deparou com o aviso. Como o remédio custa mais de R\$ 180, o aposentado está sem tomar há dois meses. "Não tenho condições de comprar e tenho medo de passar mal sem ele", lamenta seu Arnaldo.

O diretor interino de Assistência Farmacêutica, Daniel Luiz Boff, explica que a Artovastatina de 20 miligramas está disponível e aconselha os pacientes a procurar seus médicos para pedir uma nova receita. A dona-de-casa Maria de Lourdes Nascimento, 59, também recla-



ARNALDO ESTÁ SEM O REMÉDIO HÁ DOIS MESES E TEME PASSAR MAL

Fotos: Marcelo Ferreira/CB - 26/12/06



ELSON, QUE FEZ TRANSPLANTE DE RIM, TEME AUSÊNCIA DO TACROLIMUS NAS PRATELEIRAS DA FARMÁCIA

“**SE O PACIENTE NÃO TOMAR O MEDICAMENTO PODE TER UM QUADRO DE REJEIÇÃO AGUDA E ATÉ COMPLICAÇÕES MAIS SÉRIAS**”

Rafael de Aguiar Barbosa,  
n nefrologista

mava da falta do antiinflamatório Arcóxia 90 miligramas. Ela tem osteoporose e veio de ônibus da Guariroba. "Estou sem o remédio há um mês e já comecei a sentir dores nos joelhos", reclamava Maria, que saiu de mãos vazias da Farmácia de Alto Custo. De acordo com a Secretaria de Saúde, foi aberto um pregão para registro de preços para a compra da Arcóxia, mas uma empresa entrou na Justiça e paralisou a licitação.

Na fila havia pessoas que reclamavam também da falta de remédios para asma. A aposentada Maria da Paz pegou o metrô em Samambaia para buscar medicamentos para o marido asmático, que tem 78 anos. O Formoterol e a Budesonida custam R\$ 55 e R\$ 45. "Ele vai ficar decepcionado quando eu chegar em casa sem nada". Também houve reclamações de pessoas que tentavam pegar a insulina Asparte, que custa cerca de R\$ 150. Em novembro, o Correio mostrou a falta de remédios para o tratamento da esclerose múltipla. Mas o Avonex e o Betaferon, que custam até R\$ 5 mil, já estão nas prateleiras.

A Secretaria de Saúde gasta por mês cerca de R\$ 19 milhões com a compra de remédios. O Ministério Público do Distrito Federal recebeu várias reclamações de pacientes que não conseguem pegar medicamentos.